

GISELLE BEIGUELMAN



BOTANICA



BOTANICA

GISELLE
BEIGUELMAN

ALINE AMBRÓSIO
CURADORA

SESC TAUBATÉ
[21.09.23-25.02.24]



TIRANINICA



[5] ROMPER PODERES,
TRANSFORMAR A LÍNGUA
POR DANILO SANTOS MIRANDA, SESC

[7] A VIDA DOS NOMES
POR ALINE AMBRÓSIO, CURADORA

[OBRAS]

[9] ERRANTE

[11] FLORA REBELLIS

[13] FLORA MUTANDIS

[30] A TAXONOMIA É UMA
TECNOLOGIA DE PODER

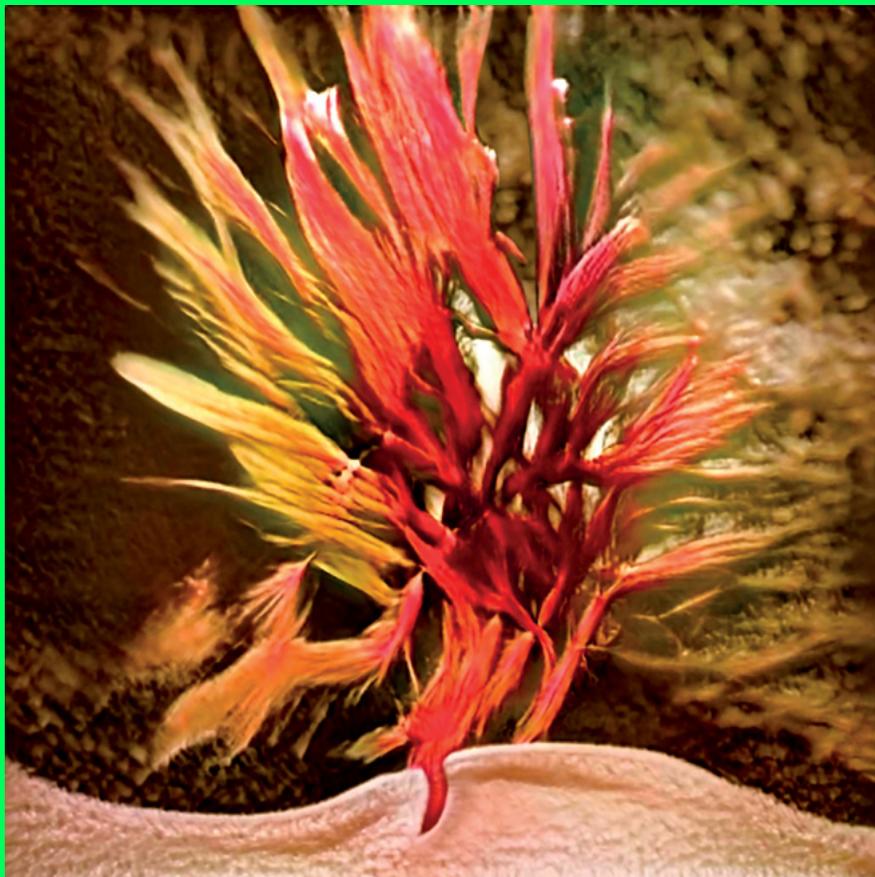
[33] UMA GENEALOGIA
DO PRECONCEITO

[35] TODA ERVA DANINHA
É UM SER REBELDE

[37] JARDIM DA RESILIÊNCIA

[SUBSTRATO]

[39] A COLONIALIDADE
DA NOMENCLATURA
[OU PEQUENA ENCICLOPÉDIA
DO ULTRAJE]
POR GISELLE BEIGUELMAN



CSOSRAAR
SAPTPETEA

Da série “Flora Mutandis”,
imagem criada com
Inteligência Artificial
(Style GAN2)

36 x 36 cm
2022

ROMPER PODERES, TRANSFORMAR A LÍNGUA

A língua é uma prática coletiva. Existe na interação entre imagem, som ou sequência de sinais e seu sentido, elementos unidos arbitrariamente que se propagam entre os que pertencem a um mesmo grupo. Esse processo, no qual nome atribuído e significado se fundem, não é, no entanto, uma ação orgânica, mas sim uma construção inserida no tecido social. Diferentes propósitos podem estar envolvidos no exercício de nomeação dos objetos, uma germinação de possibilidades, as quais são estopim para a discussão criada por Giselle Beiguelman, na exposição BOTANNICA TIRANNICA.

Criar termos que nomeiem espécies pode agir, em determinados contextos, como veículo para ações depreciativas. O vasto conjunto de plantas conhecido popularmente como ervas daninhas é usado aqui como elemento disparador, sintoma das imposições criadas pelas dinâmicas da língua. Vistas como indesejáveis, são chamadas, popular ou cientificamente, por nomes que carregam imposições de sentido, fruto da influência da língua em torno de fenômenos de apagamento, discriminação e preconceito.

Deslocados, esses identificadores apresentam dispositivos de poder, estruturas que demonstram maneiras de subordinação as quais, infelizmente, estruturam a sociedade. A mostra questiona tais narrativas hostis, utilizando e subvertendo os códigos

contemporâneos da tecnologia, ao gerar criaturas híbridas e únicas, frutos de uma intensa pesquisa taxonômica associada a recursos da Inteligência Artificial. A junção entre arte, botânica e linguagem se desenvolve assim contra a tirania dos paradigmas e das formas fixas.

A naturalização da violência transportada pela linguagem é sinal de atenção. O Sesc, nesse sentido, cultiva seu papel socioeducativo, ao enxergar a língua e seus usos como parte de um organismo vivo – portanto instável –, importante tema para discussão da contemporaneidade. Ao refletir sobre a comunicação entre os seres e sobre o papel destes em seu desenvolvimento, abre-se espaço para transformá-la, não só para novas narrativas ambientalistas, mas também como ferramenta de contestação dos aspectos perversos da vida em sociedade.

DANILO SANTOS DE MIRANDA
DIRETOR DO SESC SÃO PAULO

TAXONOMIA DO PODER



GISELLE BEIGUELMAN é reconhecida por investigar de forma inventiva a interseção entre arte, tecnologia e sociedade a partir de reflexões sobre questões da contemporaneidade que perpassam suas obras. Ao adentrar o universo das imagens e da botânica, a artista busca a ressignificação e redefinição da essência desses elementos visuais e da linguagem que os permeia, compreendendo seu papel e impacto nas dinâmicas sociais. Sua abordagem crítica questiona o legado do colonialismo e das estéticas que subjugarão não apenas corpos, territórios e imaginários, mas também a natureza.

Em *BOTANNICA TIRANNICA*, Beiguelman explora o território da ciência e interroga as relações entre a botânica clássica, a ciência hegemônica e o imaginário colonialista historicamente presentes nas formas de dominação da natureza, sendo a própria ideia de natureza uma invenção da modernidade. Imaginário este que naturalizou o racismo e o preconceito contra mulheres, negros, indígenas, judeus, povos Rom, Sinti e Caló (“ciganos”), e tantos outros grupos, como pessoas LGBTQIA+ e idosos, continuamente desqualificados e reprimidos por meio de nomes científicos e populares discriminatórios e pejorativos presentes na nomenclatura científica.

Não por acaso, o gatilho para este projeto se deu quando a artista ganhou de presente uma muda de *Tradescantia zebrina*, popularmente conhecida como “Judeu errante” em vários idiomas e países. Expressão depreciativa que designa uma planta que insiste em sobreviver e se difundir mesmo diante de condições adversas, incorporando um tipo de associação que se repete em outros grupos sociais. Tal é o caso da *Thumbergia alata*, conhecida popularmente como “Bunda-de-mulata”; da *Senecio jacobsenii*, vulgarmente conhecida como “Trança-de-cigana” e da *Impatiens walleriana*, a popular “Maria-sem-vergonha”. Esses são exemplos de alcunhas típicas de plantas consideradas, em diversas culturas e línguas, “daninhas” ou “infestantes”: aquelas que, na condição de intrusas, rebeldes e indesejadas, provocam dano, não servindo ao extrativismo colonialista e, por isso, estão condenadas à danação, às penas do inferno. Como defende o pensamento eugenista moderno, “A humanidade é um jardim”, de onde as ervas daninhas (indomáveis) devem ser eliminadas.

Em sua pesquisa, a artista, que já mapeou centenas de espécies de plantas submetidas à nomeação pejorativa, produz estéticas que funcionam como um contradiscurso a essas linguagens hegemônicas, pois

[6]

resultam em um verdadeiro jardim decolonial – uma pós-natureza – gerada com recursos de Inteligência Artificial, usados para cruzar diversas espécies dotadas de nomes preconceituosos, investigando e subvertendo as taxonomias e os padrões algorítmicos que sustentam o ideário colonialista que se projeta no colonialismo dos dados.

Por meio de suportes distintos – incluindo uma série de 18 impressões, 5 vídeos e um ensaio audiovisual – a artista subverte os usos correntes da tecnologia, criando novos sentidos poéticos e novos significados políticos e sociais. Surgem assim criaturas híbridas, surpreendentes e desconcertantes, plantas ao mesmo tempo reais e imaginárias, verdadeiras e fictícias que confundem a tal ponto que desarticulam a tendência taxonômica por meio de seus corpos estranhamente familiares, de sua plasticidade e de suas nomenclaturas intrigantes e impronunciáveis, dando forma a um jardim digital híbrido que se revela nas obras *Flora mutantis* e *Flora rebelis*.

BOTANNICA TIRANNICA é uma pesquisa viva e em movimento que germina e ganha novos contornos a partir da experiência e das trocas com os públicos e com as curadorias que a acompanham. Apresentada pela primeira vez no Museu Judaico,

em São Paulo, depois de passar pela Bienal de Karachí (Paquistão) e Museu Sartorio (Trieste, Itália), chega ao Sesc Taubaté, incorporando novos grupos e eixos de investigação, que aparecem aqui nos novos canteiros LGBTQIA+, etaristas e Império.

BOTANNICA TIRANNICA convida os diferentes grupos sociais a adentrarem o espelho da linguagem no intuito de ampliarem a percepção que têm de si mesmos, do outro e de suas práticas cotidianas e coletivas de exclusão, focando formas de vida resistentes e resilientes. Mobilizando criaturas naturais e artificiais infiltradas em jardins reais e digitais, as obras revelam a dimensão colonialista e preconceituosa das nomenclaturas científicas e populares, e se mostram primordiais para a ruptura dos binarismos impostos, das identidades fixas, das forças taxonômicas e das políticas de dominação e segregação.

ALINE AMBRÓSIO
CURADORA

[7]



ERRANTE

Errante é o resultado da combinação de todas as espécies de plantas nomeadas vulgarmente como “Judeu errante” em vários idiomas. Personagem de uma narrativa que faz parte da tradição oral da semana da Paixão desde o século XIII, a lenda do judeu errante associa os judeus ao tório de Jesus Cristo e os conota como um povo amaldiçoado a vagar pela Terra sem descanso. Instrumentalizada pelo racismo científico do século XIX, a figura do judeu errante foi recorrente na propaganda nazista. Na filosofia contemporânea, contudo, o errante, o nômade, o desterritorializado é aquele que guarda a potência de forçar a desestabilização dos poderes centralizados e seus dispositivos de controle.

Imagens criadas com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle.



FLORA REBELLIS

Série de vídeos generativos produzidos com Inteligência Artificial a partir de datasets (conjuntos de dados organizados) relativos a plantas dotadas de nomes ofensivos e preconceituosos contra mulheres, negros, judeus, indígenas e os povos rom, sinti e caló (“ciganos”). Flora rebellis parte de uma técnica concebida pelo cientista inglês Francis Galton (1822-1911), criador da eugenia, a fim de sintetizar fotograficamente o perfil genérico de grupos populacionais por ele considerados nefastos ao progresso da humanidade, como judeus, criminosos e pessoas com deficiências. Nesta série, esse mesmo exercício aponta para uma modalidade de engenharia reversa. Ao permitir que a Inteligência Artificial busque padrões internos entre plantas diferentes no interior de uma mesma categoria (judeus, mulheres, negros etc.), impede-se que o programa chegue a um resultado uniforme, incitando-o a rebelar-se contra suas próprias regras de funcionamento.

JUDEUS

Registro em vídeo do processamento generativo de imagens feitas com Inteligência Artificial a partir de plantas com nomes antissemitas, 1024x1024px, 2'55", loop, monocanal 2022



FLORA MUTANDIS

Série de imagens criada com Inteligência Artificial, resultante do cruzamento de espécies de plantas dotadas de nomes científicos e/ou vulgares ofensivos, os quais expressam preconceitos diversos, relativos a partes do corpo e traços culturais. A nomenclatura das espécies da série Flora mutandis foi gerada algorítmicamente a partir do embaralhamento dos nomes originais das espécies empregadas no processamento maquínico. O título da série faz referência à maior obra botânica sobre o Brasil (*Flora brasiliensis*, de Carl Friedrich von Martius, 1830) e à expressão latina *mutatis mutandis*: mudando o que tem de ser mudado.

TIACAOMOTLI
ACUAMTNS

Imagem criada com Inteligência Artificial (Style GAN2). Impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle.

36 x 36 cm
2022
[13]



HUOTRHCNI
AUPIDTNOAEOHGNOTIB

[14]



TAXEOMNCCLEUHICIRRBOUN
TEOSEA

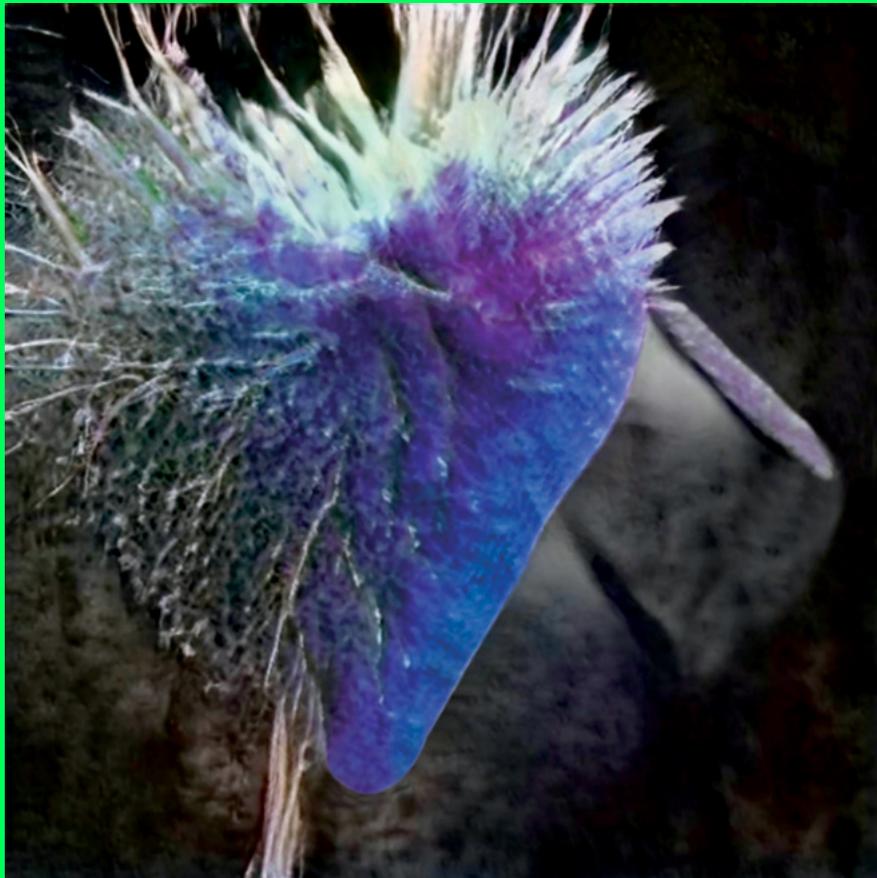
[15]



MAOMAMT
ETINCARLIUSTACO



EOSMABTA
AITRALENOLUNNOH



EOSMABTA
AITRALENOLUNNOH



SIBINISI
ESSPRARPAEUBA



ANOHP ECBREALYA
ISRMSUNSIAD E

[20]



SANLMAUNLARCIAI
RUSA

[21]



SATRATNT
THEOTEN



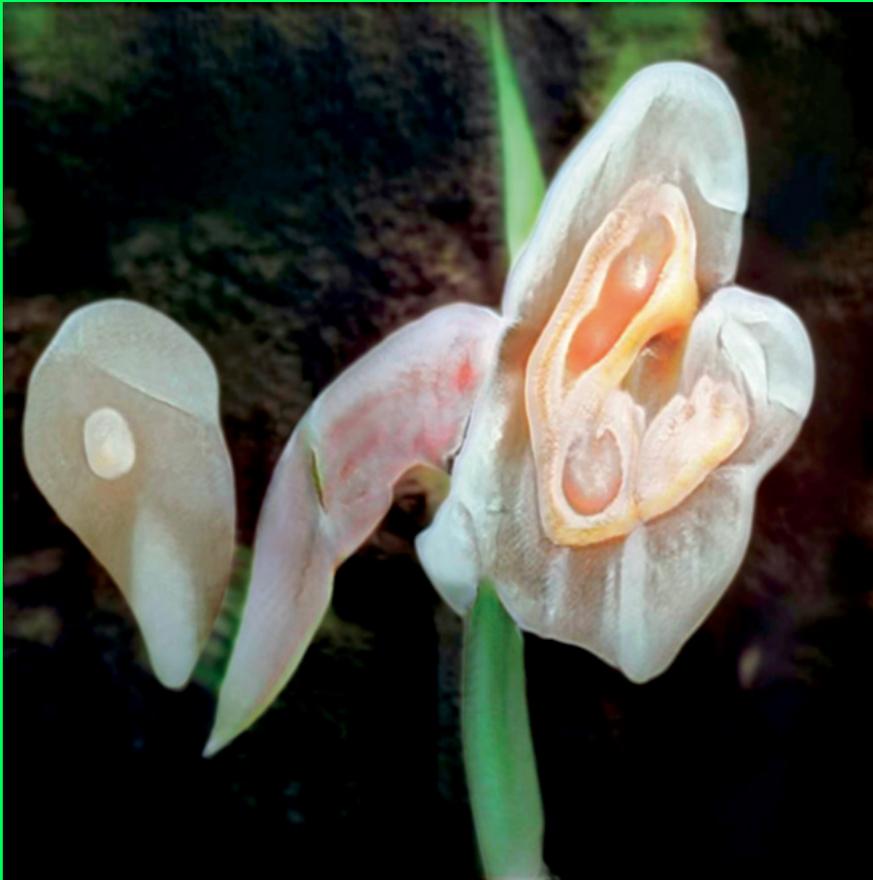
RIOLLBIF
FFARKAA



NAFII
BAITDAKHRUM



OEAN
AOMORPOENCTHO



PAROPAUTAETCI
DMATOSHLANCO



AIRNAIMMYOIH
PSOESTSIPA



VYAHMXAR
PIESILLPTYHIUR



BNDEAMIDED
DUALOAMTANAT



A TAXONOMIA É UMA TECNOLOGIA DE PODER

Botannica Tirannica é pontuada por uma sequência de frases que funcionam como rastros da longa pesquisa feita para a exposição e situadas nos vãos das paredes, na altura do piso, no interior e exterior do seu jardim ou na saída da mostra, elas condensam possíveis chaves de leitura do espaço. Como statements conceituais, as frases são: “Toda erva daninha é um ser rebelde”; “A nomenclatura é um ritual de apagamento”; “A taxonomia é uma tecnologia de poder”; “E o que fica fora do padrão?”; “ Clorofila, Menos Cloroquina”.

Letreiros luminosos,
monocromáticos, verdes.
100 x 20cm
70 x 20 cm
2022



UMA GENEALOGIA DO PRECONCEITO

Combinando imagens de arquivos diversos à reflexão crítica, o filme ensaio condensa a vasta pesquisa feita para a exposição **Botânica Tirannica** ao longo de um ano e meio. Peça chave do projeto, a obra discute as formas pelas quais o preconceito racial, cultural e de gênero se fundamenta cientificamente a partir do século XIX, contaminando o imaginário coletivo e desdobrando-se em linguagens, vocabulários e estéticas. Nessa imersão investigativa, revela-se um modo de ver e expressar o mundo, ainda presente em ciências de ponta, como o melhoramento genético de espécies vegetais e a Inteligência Artificial. Em seu conjunto, o filme interroga o espectro da eugenia racial e as possibilidades de consolidação de uma eugenia maquínica, conformada pelos sistemas de padronização.

ENSAIO AUDIOVISUAL

Narração por Ricardo, Vitória, Fernando (robôs de IA Som de fundo)
Áudio captado pelo Helicóptero Ingenuity, da Nasa, em sua trajetória da Terra rumo a Marte, em 2021. 16:9, cor, Full HD, stereo, 14", loop 2022



TODA ERVA DANINHA É UM SER REBELDE

Se fosse necessário resumir Botânica Tirannica em uma frase, ela seria: “Toda erva daninha é um ser rebelde”. Síntese da rebeldia e resiliência em jogo na exposição, o dizer condensa as prerrogativas do projeto e da mostra. Como as ervas amaldiçoadas pelo extrativismo colonialista, a frase vaza ~~do espaço~~ expositivo para os Jardins da resiliência e se derrama no muro que se avista das vidraças do Museu Judaico de São Paulo, emaranhando o dentro e o fora, a vida da cidade ~~se~~ mote principal da exposição.

COLABORAÇÃO

Maria Cau Levy

Intervenção urbana,
lambe-lambe e pintura.

12 x 11,30 m

2022



JARDIM DA RESILIÊNCIA

Jardim composto por variadas espécies de plantas, em sua maioria ditas “daninhas”, portadoras de nomes ~~ofensivos, misóginos, racistas e antissemitas~~. Resilientes e resistentes, essas espécies desafiam o imaginário colonialista dos processos de classificação e dominação da natureza, confrontando nomenclaturas baseadas em preconceitos.

COLABORAÇÃO
Bruno Araújo
2022

A COLONIALIDADE DA NOMENCLATURA [OU PEQUENA ENCICLOPÉDIA DO ULTRAJE]



GISELLE
BEIGUELMAN

A nomenclatura é a palavra-chave do sistema taxonômico que o botânico e zoólogo sueco Carlos Lineu (1707-1769) sistematizou. Concebida na língua culta europeia da época, o latim, foi decisiva no apagamento das culturas dos povos originários. Longe de serem neutros, os nomes científicos espelham preconceitos que se desdobram na nomenclatura popular, operando como mecanismos de produção social da violência, por meio da linguagem que estrutura o imaginário coletivo. Não por acaso, seus maiores alvos são os mesmos grupos que o colonialismo marginalizou e oprimiu ao longo dos séculos, como judeus, negros, mulheres, povos indígenas, ciganos (povos Rom Sinti e Caló), além dos grupo LGBT e pessoas idosas, consideradas inaptas para o mundo produtivo do capital. Esse fenômeno não é exclusivo do Brasil e se repete no mundo todo, refletindo uma certa geopolítica do preconceito. Nos Estados Unidos são mais numerosos os nomes derogatórios às pessoas pretas. Já na Alemanha, os fogos são judeus e ciganos. Entre nós, no Brasil, foco do recorte que apresentamos a seguir, nota-se um maior número de nomes pejorativos e maliciosos com foco nas mulheres, expressando o nada louvável viés misógino e machista de nossa cultura. Aletarmos que vários dos termos utilizados podem funcionar como um gatilho pela carga de violência que expressam. Não menos importantes

[38]

é frisar que outros tantos nomes, aparentemente inocentes, trazem entranhados às suas histórias pactos de opressão que esta nossa “pequena enciclopédia do ultraje” pretende evidenciar. Acompanhada de fotos das plantas a que se referem, constituem também, um mostruário das belezas e da pujança de nossa flora que resiste à expropriação e desmandos da tentativa de dominação e usurpação da natureza.

NOMES ANTISSEMITAS

Na nomenclatura científica e popular, o antissemitismo incide sobre características físicas, como as orelhas estereotipadamente grandes, e culturais, como a barba dos religiosos. Adere, ainda, a mitos milenares, como o do povo deicida, que aparece na referência à coroa de espinhos de Jesus Cristo, presente em várias plantas, e à maldição, que remonta à Idade Média, do Judeu Errante. Condenado a vagar sem descanso pelo mundo, segundo a lenda, o Judeu Errante foi fartamente instrumentalizada pela propaganda nazista, assim como a cruz-de-ferro. Esse nome tão prenhe de sentindos antissemitas aparece em vários idiomas, como inglês, francês, italiano e espanhol. Também medieval é a associação da *Physalis* (“cereja-de-judeu” em diversos países) com pessoas judias. Apesar de aparentemente inocente, o nome é ofensivo e discriminatório. Isso porque

suas folhas, que se sobrepõe ao fruto (sua “cereja”), remetem ao chapéu que os judeus eram obrigados a usar para serem diferenciados dos outros europeus nas ruas.

NOMES RACISTAS

Os nomes de plantas que têm *kaffir* ou *cafrum* como seu componente são altamente ofensivos. Termo derivado do árabe para “infidel”, *cafir* tornou-se um sinônimo de canibal, selvagem. É considerada nos países da África subsaariana como um equivalente à repudiada palavra “Nigger”, que hoje se convencionou dizer “palavra N” (N-word), pela violência racial que nela está contida. Outro nome considerado infame é Hottentot, que lembra a história da Vênus Hottentot, princesa negra que foi levada para Europa para estudos científicos e humilhantes espetáculos de entretenimento branco. Significativo do colonialismo é o nome francês *Flamboyant*, árvore bastante presente na iconografia caribenha, que homogeneia duplamente a colonização francesa, tendo como primeiro nome científico *Poinciana regia*, em referência a Poinci, governador das Antilhas francesas no século XVIII, atual Caribe.

NOMES MISÓGINOS

A expressão “terra virgem”, pronta a ser conquistada e dominada, é bastante esclarecedora da força do pensamento patriarcal, corroborando o ponto de

[39]

vista que atribui à mulher a função de mera “costela-de-adão”, um apêndice do mundo masculino, e nome popular de uma das mais conhecidas plantas brasileiras. Esclarecedora também desse mesmo pensamento patriarcal é a associação de flores brancas e delicadas com as palavras *virginiana*, *virginia*, *vaginatum*; e a categoria das ninféias (musas gregas belíssimas que tinham como função servir aos homens), que encataram o pintor Monet. Nesse contexto, ganham peso termos como “dama-da-noite”, uma maliciosa alcinha que designa as trabalhadoras sexuais, e a erotização e objetualização do corpo da mulher negra.

NOMES ANTICIGANISTAS

Plantas invasoras são chamadas de ciganas em vários países. O adjetivo é problemático não só porque generaliza os povos Rom, Sinti e Caló, que têm histórias e proveniências distintas, mas especialmente porque a palavra cigano ainda aparece nos dicionários como um sinônimo de trapaceiro, vagabundo, malandro e ladino (espertalhão, finório). Ladino, aliás é o nome do idioma dos judeus da península ibérica e do Marrocos. Na Alemanha, várias plantas com nomes preconceituosos a judeus têm equivalentes com a palavra cigano, como a *Bidens tripartita*, um tipo de pioão, chamadas de *Juddleis* (piolho-de-judeu) e de *Zigunelai* (piolho-de-cigano). Nos dois casos, são plantas nas quais as inflorescências

remetem à longa barba característica dos dois povos, ambos praticamente exterminados daquele país nos campos de concentração nazistas.

NOMES ANTI-INDÍGENAS

Neste nosso paradoxal “país-planta”, que homenageia uma árvore (Pau-Brasil, Ibirapitanga em tupi-guarani) e incendeia florestas até hoje, uma situação *sui-generis* acompanha esses processos de violência pela linguagem, pois grande parte de nossa flora guarda ainda os seus nomes indígenas, como jacarandá, entre outros. Nomear cientificamente é tomar posse, e aos povos originários foi negada a posse material e simbólica da natureza. Na organização científica do mundo, o jatobá, por exemplo, deixa de ser a árvore dos frutos duros, sagrada para os povos originários pelos seus poderes de cura, para tornar-se, na taxonomia de Lineu, a *Hymenaea courbaril*, em referência ao hímen feminino, pela rigidez da casca de seus frutos. Na terminologia popular é recorrente, ainda, apelar os indígenas de bugres, o que implica uma tentativa de desumanizá-los e identificá-los como um povo sem alma.

NOMES IMPERIALISTAS

No Jardim Botânico do Rio de Janeiro, D. João VI plantou a primeira Palmeira-imperial do Brasil. Conhecida como *Palma mater*, supostamente deu origem a todas as palmeiras dessa espécie no

[40]

Brasil. Símbolo do poder monárquico, as Palmeiras-imperiais eram traficadas pelos escravizados, que engoliam as sementes e as armazenavam em suas fezes. Boa parte de nossas palmeiras deve ser filha dessa subversão silenciosa dos escravizados e carrega as memórias da resistência dos negros aos desmandos da casa-grande. Índices do processo de usurpação colonial, as plantas que têm nome “do império” ou “do reino” expressam também as forças políticas, como a Vitória-régia, símbolo da Amazônia brasileira que homenageia a poderosa rainha Vitória (1819-1901) da Inglaterra.

NOMES LGBTFÓBICOS E A VIRADA QUEER

O binarismo científico inventou um mundo dividido entre o masculino e o feminino que nunca existiu, como mostram as plantas mais complexas, as angiospermas, supostamente masculinas, mas que são interssexuais. Não por acaso, as flores funcionaram como códigos homofóbicos, como o amor-perfeito, que foi um sinônimo de maricas, por sua exuberância colorida, e a violeta, para marcar o lesbianism, por ser a flor preferida de Safo, autora de poesia erótica lésbica (séculos VII-VI a.C.). Os movimentos LGBT se apropriaram dessa terminologia, dando-lhes estatuto de símbolos de luta e identidade, como é o caso da lavanda (e sua cor lilás), o cravo verde do escritor Oscar Wilde, perseguido por

sua homossexualidade, e a *Solanum plastisexum*, que muda de gênero ao longo da vida e se transformou em símbolo trans.

NOMES ETARISTAS

A cultura contemporânea transformou a passagem do tempo em um problema a ser sanado por técnicas cirúrgicas de rejuvenescimento e aplicativos que apagam as rugas. Abolimos o “passado como passado”, disse o filósofo Peter Pál Pelbart, ou pelo menos o passado da forma que o conhecíamos: como uma herança que se recebe e que se constrói. Por um lado, “o amanhã é hoje”. Por outro, dadas as catástrofes ecológicas cada vez mais recorrentes, talvez não tenhamos, de fato, algo a conservar. Nesse contexto, a velhice, indicadora de sabedoria na antiguidade, torna-se sinônimo de entrave e feiúra, e é caricaturizada pela calvície, pele murcha e barba desgrenhadas. A velhice, no entanto, especialmente no mundo vegetal, é símbolo de resiliência, como mostram árvores com mais de 500 anos e flores, como a zínia, que é popularmente conhecida como moça-e-velha.

[41]



ARISTOLOCHIA TRIANGULARIS
CHALEIRA-DE-JUDEU



ARISTOLOCHIA TRIANGULARIS
CHALEIRA-DE-JUDEU



AURICULA JUDAE
ORELHA-DE-JUDEU



BEGONIA MASONIANA
BEGÔNIA CRUZ-DE-FERRO



CLERODENDRUM THOMSONAE
LÁGRIMA-DE-CRISTO



AURICULA JUDAE
ORELHA-DE-JUDEU



EUPHORBIA MILII
COROA-DE-CRISTO



EUPHORBIA TIRUCALLI
ESPINHO-DE-JUDEU



PHYSALLIS ANGULATA
CEREJA-DE-JUDEU



SAXIFRAGA STOLONIFERA
BARBA-DE-JUDEU



SOLEIROLIA SOLEIROLII
BARBA-DE-MOISÉS



THUNBERGIA MYSORENSIS
SAPATINHO-DE-JUDIA



CRASSULA HOTTENTOT
OTENTOTE



ENTEROLOBIUM
CONTORTISILIQUM
ORELHA-DE-NEGRO



TRADESCANTIA FLUMINENSIS
JUDEU ERRANTE



TRADESCANTIA PALLIDA
JUDEU ERRANTE



ERYTHROXYLUM SUBEROSUM
CABELO-DE-NEGRO



FIMBRISTYLIS
MILIACEA HIDERIKO
CABELO-DE-NEGRO



TRADESCANTIA ZEBRINA
JUDEU ERRANTE



ANNONA CORIACEA
CABEÇA-DE-NEGRO



MUEHLENBECKIA COMPLEXA
CABELO-DE-NEGRO



TANACETUM VULGARE
CATINGA-DE-MULATA



CALYCOPHYLLUM SPRUCEANUM
PAU-MULATO



CITRUS HYSTRIX
LIMÃO KAFFIR



THUNBERGIA ALATA
BUNDA-DE-MULATA



CEREUS PERUVIANUS
DAMA-DA-NOITE



CLITORIA
CLITÓRIA



MIRABILIS JALAPA
DAMA-DA-NOITE



MUSA PARADISIACA



DIOSPYROS VIRGINIANA
CAQUI-AMERICANO



CESTRUM NOCTURNUM
DAMA-DA-NOITE



NYPHAEA AMAZONUM
NYPHAEA



PASPALUM VAGINATUM
CAPIM-DOCE



ECHINOCACTUS GRUSONII
CADEIRA-DE-SOGRA



IMPATIENS WALLERIANA
MARIA-SEM-VERGONHA



PSYCHOTRIA ELATA
BEIJO-DE-PUTA



SANSEVIERIA TRIFASCIATA
LÍNGUA-DE-SOGRA



MONSTERA DELICIOSA
COSTELA-DE-ADÃO



MIMOSA PUDICA
NÃO-ME-TOQUES



UMBILICUS RUPESTRIS
UMBIGO-DE-VÊNUS



ACANTHOSPERMUM HISPIDUM
ESPINHO-DE-CIGANO



ADENOCALYMMA PEREGRINUM
CIGANINHA



PACHYCEREUS
PECTEN-ABORIGINUM
PENA-DE-ÍNDIO



DRACENA CORDYLINA
FEL-DE-ÍNDIO



MEMORA PEREGRINA
CIGANINHA-DO-CERRADO



TRIOGANDRA GLANDULOSA
TRANÇA DE CIGANO



PACHYCEREUS
PECTEN-ABORIGINUM
BRINCO-DE-ÍNDIO



EUPHORBIA LEUCOCEPHALA
CABELEIRA-DE-VELHO OU
CABEÇA-DE-VELHO



BULBOSTYLIS PARADOXA
PENTE-DE-ÍNDIO



COJOBA ARBOREA
CHÁ-DE-BUGRE



ASCLEPIAS PHYSOCARPA
SACO DE VELHO



ZINNIA ELEGANS
CANELA-DE-VELHO OU
MOÇA-E-VELHA



CORDIA ECALYCULATA
CHÁ-DE-BUGRE



CORDIA SELLOWIANA
CABELO-DE-ÍNDIO



TILLANDSIA USNEOIDES
BARBA DE VELHO



AGAVE VICTORIAE REGINAE
AGAVE-VITÓRIA-RÉGIA



DELONIX REGIA
FLAMBOYANT



ETLINGERA ELATIOR
BASTÃO-DO-IMPERADOR



DIANTHUS CARYOPHYLLUS
CRAVO VERDE



LAVANDULA ANGUSTIFOLIA
LAVANDA



ARUNDO DONAX
CAPIM-IMPERIAL



ALCANTAREA IMPERIALIS
BROMÉLIA-IMPERIAL



PLATYCERIUM BIFURCATUM
CHIFRE-DE-VEADO



SAINTPAULIA IONANTHA
VIOLETA



OSMANTHUS FRAGRANS
JASMIM-DO-IMPERADOR



ROYSTONEA OLERACEA
PALMEIRA-IMPERIAL



SOLANUM PLASTISEXUM



VIOLA TRICOLOR
AMOR-PERFEITO



SCADOXUS MULTIFLORUS
COROA-IMPERIAL



VICTORIA AMAZONICA
VITÓRIA REGIA



SESC
SERVIÇO SOCIAL
DO COMÉRCIO
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL
NO ESTADO DE SÃO PAULO

PRESIDENTE DO
CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO
DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL
Rosana Paulo da Cunha

COMUNICAÇÃO SOCIAL
Aurea Leszczynski Vieira
Gonçalves

ADMINISTRAÇÃO
Jackson Andrade de Matos

ASSESSORIA TÉCNICA E DE
PLANEJAMENTO
Marta Raquel Colabone

CONSULTORIA TÉCNICA
Luiz Deoclécio Massaro
Galina

GERENTES

GERENTE DA ÁREA TÉCNICA
Lorem Ipsum

GERENTE DA ÁREA TÉCNICA
Lorem Ipsum

GERENTE DA ÁREA DE
COMUNICAÇÃO
Lorem Ipsum

SESC TAUBATÉ
Lorem Ipsum

EQUIPE SESC
Aorem Ipsum
Aorem Ipsum

BOTANICA
TIRANNICA
GISELLE BEIGUELMAN

CURADORIA
Aline Ambrósio

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Nu Projetos de Arte
Nathalia Ungarelli

COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO
Heloisa Leite

PRODUÇÃO
Emy Pimenta

EXPOGRAFIA
Helena Cavalheiro
Amanda Klajner (Assist.)

DESIGNER
Maria Cau Levy
Daniel Rana (Assist.)

PROJETO JARDIM
Bruno Araújo

PROJETO ILUMINAÇÃO
Fernanda Carvalho

ILUMINAÇÃO
Santa Luz

SONORIZAÇÃO
Mtex

ADEREÇAGEM ARTÍSTICA
Metro Cenografia
VS Engenharia

JARDINAGEM
Sollus Paisagismo

COMUNICAÇÃO VISUAL
Watervision

MONTAGEM FINA
Chico Davina
Érick Martinelli

PARCERIA INSTITUCIONAL
Museu Judaico

CRÉDITO IMAGENS

Daniel Cabrel, 34; 36

Giselle Beiguelman,
Guardas; 4; 8-9; 10; 12-13;
14-29

Julia Thompson, 30

Creative Commons
42-51

Todos os esforços foram
feitos para identificar os
detentores dos direitos
autorais das imagens aqui
reproduzidas. Eventuais
erros ou omissões serão
corrigidos em futuras
edições.



CURADORIA POR
ALINE AMBRÓSIO

TIERRANICA